

**A SOCIOLINGUÍSTICA E A LINGUÍSTICA APLICADA NAS AULAS  
DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: INTERSECCIONALIDADES  
OPORTUNAS**  
**SOCIOLINGUISTICS AND APPLIED LINGUISTICS IN FOREIGN  
LANGUAGE CLASSES: TIMELY INTERSECTIONS**

DOI: 10.18616/lendu.v6i2.8818

Carlos Rodrigo de Oliveira<sup>6</sup>  
*carlosrodrigoolv@gmail.com*  
Leandra Cristina de Oliveira<sup>7</sup>  
*leandra.oliveira@ufsc.br*

**RESUMO**

O presente artigo tem como propósito central acionar debates teóricos dos campos disciplinares da Sociolinguística e da Linguística Aplicada em defesa de uma intersecção oportuna nas práticas pedagógicas de língua estrangeira. Para tanto, são trazidos à baila alguns conceitos e postulados da Sociolinguística (Bortoni-Ricardo, 2014; Cyranka, 2015; Coelho et. al, 2015) e da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2013, 2006; Mendes, 2015, 2004; Frank e Conceição, 2021) como fundamentos para uma prática arejada e plural nas aulas de língua estrangeira. Sem desconsiderar as singularidades de cada campo, objetivamos redimensioná-los da sua concepção teórica à prática no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, centrando-nos no espanhol, nossa língua de trabalho. À luz desse propósito, retomados alguns estudos (Oliveira, 2021; Moraes e Venâncio da Silva, 2016; Pereira, 2021), que colocam em diálogo as duas áreas e ajudam a cimentar a proposta de uma Sociolinguística Aplicada à Língua Estrangeira (SALE), iniciada pela tese de Pereira (2021).

**PALAVRAS-CHAVE:** Espanhol língua estrangeira; Variação linguística; Interface teórica.

**ABSTRACT**

The present article aims at triggering theoretical debates in the disciplinary fields of Sociolinguistics and Applied Linguistics in support of a timely intersection in foreign language pedagogical practices. To achieve this, some concepts and postulates from Sociolinguistics (Bortoni-Ricardo, 2014; Cyranka, 2015; Coelho et al., 2015) and Applied Linguistics (Moita Lopes, 2013, 2006; Mendes, 2015, 2004; Frank and Conceição, 2021) are brought to the fore as foundations for a refreshed and plural practice in foreign language classes. Without disregarding the peculiarities of each field, our aim is to resize them from their theoretical conception to the practice in the teaching and learning of foreign languages, focusing on Spanish, our working language. In light of this purpose, some studies are revisited (Oliveira, 2021; Moraes and Venâncio da Silva, 2016; Pereira, 2021) that engage in a dialogue between the two areas and help solidify the proposal of an Applied Sociolinguistics to Foreign Language (ASFL), initiated by Pereira's thesis (2021).

**KEYWORDS:** Spanish as a foreign language; Linguistic variation; Theoretical interface.

---

<sup>6</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e bolsista UNIEDU. Professor do Curso de Letras-Espanhol do Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi).

<sup>7</sup> Doutora em Linguística. Professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras (DLLE) e do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

## RESUMEN

El propósito central de este artículo es impulsar los debates teóricos de los campos disciplinares de la Sociolingüística y la Lingüística Aplicada en defensa de una intersección oportuna en las prácticas pedagógicas de lenguas extranjeras. Para ello, se exponen algunos conceptos y postulados de la Sociolingüística (Bortoni-Ricardo, 2014; Cyranka, 2015; Coelho et. al, 2015) y de la Lingüística Aplicada (Moita Lopes, 2013, 2006; Mendes, 2015, 2004; Frank y Conceição, 2021) como base para una práctica aireada y plural en las clases de lenguas extranjeras. Sin dejar de considerar las singularidades de cada ámbito, pretendemos redimensionarlos desde su concepción teórica a la práctica en el contexto de enseñanza y el aprendizaje de lenguas extranjeras, centrándonos en el español, nuestra lengua de trabajo. Ante este propósito, se retomaron algunos estudios (Oliveira, 2021; Moraes y Venâncio da Silva, 2016; Pereira, 2021), que ponen en diálogo las dos áreas y ayudan a cimentar la propuesta de una Sociolingüística Aplicada a la Lengua Extranjera (SELA), iniciada por la tesis de Pereira (2021).

**PALABRAS CLAVE:** Español lengua extranjera; Variación lingüística; Interfaz teórica

## 1. INTRODUÇÃO

As múltiplas facetas implicadas no contexto de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira<sup>8</sup> costumam desencadear inúmeros questionamentos, suscitar diferentes crenças e, por consequência, promover avanços nos campos teórico-metodológicos que se debruçam sobre a pedagogia das línguas. Essa inquietação constante que atravessa nossa prática enquanto docentes e pesquisadores desse lócus parece justificar nossa circulação fluída em distintas abordagens teóricas, já que muitas delas permeiam a pluralidade que caracteriza uma aula de idiomas. A trans/multi/in/disciplinaridade, embora muitas vezes questionada na rigidez de alguns campos científicos, é prática corriqueira nesse cenário de que estamos tratando, é, ainda, uma evidência nas programações de eventos que reúnem estudantes, professores e pesquisadores de línguas estrangeiras.

É dessa pluralidade que constitui nossa área que decorrem questionamentos diversos, como: (i) “que espanhol ensinar?”; (ii) “como abordar a variação da língua?”; (iii) “como aplicar práticas decoloniais no ensino da língua?”; (iv) “como desconstruir estereótipos?”; (v) “como promover a interculturalidade em sala de aula?”; entre vários outros. As problematizações sobre essas questões ilustradas – já que quase nunca somos capazes de fornecer respostas, sem incorrer no risco da homogeneização – encontram suporte em campos

---

<sup>8</sup> Ao fazermos referência ao ensino e aprendizagem de uma língua não-nacional, optamos pela terminologia “língua estrangeira”, que, em alguns documentos e discussões, pode configurar como “língua adicional”.

teóricos distintos: a Glotopolítica, a Sociolinguística, a Análise do Discurso e a Linguística Aplicada, por citar alguns. As reflexões emergentes, apoiadas ou não em uma ou outra teoria, reverberariam a trans/multi/in/disciplinaridade inerente à prática de ensino de línguas estrangeiras.

Sensíveis a essa realidade, debatemos sobre a oportuna intersecção entre conceitos e postulados dos campos da Sociolinguística (Bortoni-Ricardo, 2014; Cyranka, 2015; Coelho *et. al*, 2015) e da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2013, 2006; Mendes, 2015, 2004; Frank e Conceição, 2021) em benefício de uma prática arejada e plural<sup>9</sup>. Sem desconsiderar as singularidades de cada campo, objetivamos redimensioná-los da sua concepção teórica à prática no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, centrando-nos no espanhol, nossa língua de trabalho. Longe de almejar uma homogeneização teórica que resulte no apagamento de qualquer dos campos, o foco deste estudo é direcionado à atividade de ensino, contexto em que o diálogo entre as áreas é possível por meio de práticas integrativas. Nessa linha, uma de nossas preocupações é definir de que Sociolinguística falamos quando nos reportamos a aulas de línguas estrangeiras, e como essa compreensão pode dialogar com propósitos da Linguística Aplicada. Assim, abordamos inicialmente um panorama sobre a Sociolinguística e sua vertente educacional; na sequência, focamos no campo disciplinar da Linguística Aplicada, e, sustentamos, por fim, a conveniência da intersecção, retomando práticas socializadas através da publicação científica (Oliveira, 2021; Moraes e Venâncio da Silva, 2016; Pereira, 2021), que rumam nessa direção.

## **2. UM OLHAR SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA: COMECAMOS PELA VARIACIONISTA**

Considerando os propósitos do presente artigo, que se dispõe a promover o encontro de postulados dessas duas disciplinas, Sociolinguística e Linguística Aplicada, é preciso recuperá-las em termos de história e objetos teóricos. Começaremos pela Sociolinguística, uma área dos estudos linguísticos cuja ênfase investigativa se situa na língua em sua relação com o contexto social (Coelho *et. al*, 2015, p. 13).

---

<sup>9</sup> Este trabalho é um recorte da tese de doutoramento, ainda em desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, com o apoio do Programa de bolsas universitárias de Santa Catarina UNIEDU/FUMDES.

Segundo Bortoni-Ricardo (2014), essa área surgiu, principalmente, a partir de duas premissas: o relativismo cultural e o reconhecimento da heterogeneidade ordenada como algo natural à língua. A primeira premissa está relacionada à concepção de que línguas e variedades devem receber o mesmo tratamento e reconhecimento, pondo fim a preconceitos e hegemonias. Da segunda, vem a noção de que toda língua varia, porém não livremente: o próprio sistema linguístico ao possibilitar a variação também a regula, o que torna a comunicação possível e as possibilidades comunicativas de produção e adequação linguística muito maiores para os falantes (Bortoni-Ricardo, 2014).

É em William Labov, linguista estadunidense, que encontramos as bases teórico-metodológicas amplamente seguidas na perspectiva variacionista, sobretudo no que diz respeito à Sociolinguística praticada no Brasil.<sup>10</sup> Da ruptura epistemológica com um modelo formalista incapaz de dar uma solução teórica ao fato da mudança linguística, emerge, nos anos de 1960, o Programa de Pesquisa da Sociolinguística Variacionista, conforme pontua Lucchesi (2012). Weinreich, Labov e Herzog (1968), uma das obras centrais no construto Variacionista, propõem os seguintes postulados, também arrolados em Lucchesi (2012, p. 794): (i) a língua funciona enquanto muda; (ii) a heterogeneidade não compromete o funcionamento da língua; (iii) a variação faz parte do sistema linguístico, o qual é ordenadamente heterogêneo; (iv) a variação é potencialmente a atualização dos processos de mudança (mudança implica variação, mas variação não implica necessariamente mudança); (v) a variação não é aleatória; (vi) a variação é motivada por condicionamentos estruturais e sociais; (vii) a mudança linguística pode ser estudada diretamente através da análise da variação observada em cada estado de língua.

A partir desse marco inicial, a Sociolinguística variacionista (ou sociolinguística laboviana) solidifica uma metodologia própria, através da qual, pesquisadores analisam estatisticamente os dados coletados, buscando descobrir como a variação “interage com os outros elementos do sistema linguístico e da matriz social em que ocorre e como a variação pode levar à mudança na língua” (Coelho *et. al.*, 2015, p. 17).

Embora essa metodologia predominantemente quantitativa seja rapidamente acionada quando mencionados estudos na área, o percurso da Sociolinguística é marcado por

---

<sup>10</sup> Ainda que o fato de não ter sido capaz de formular uma teoria própria para a estrutura da língua seja uma fragilidade. Nos termos de Lucchesi (2012, p. 796): “Nada é mais revelador da incapacidade da Sociolinguística em incorporar a Faculdade da Linguagem em sua teoria da mudança do que a sua incapacidade de gerar qualquer teoria para a estrutura da língua. E vários axiomas da teoria da variação linguística se fragilizam por falta de um suporte na teoria da estrutura ou da competência linguística.”

diferentes abordagens da relação entre língua e sociedade, não se mantendo restrito aos postulados metodológicos de seu precursor Labov. A divisão entre perspectivas micro e macro-sociolinguística, amplamente debatida em estudos como o de Bortoni-Ricardo (2014) e Araujo *et. al* (2020), nos ajuda a ilustrar como o campo se expandiu e passou a olhar para além do seu objetivo inicial, tornando-se uma ciência heterogênea.

De forma sintética, de acordo com Araujo *et. al* (2020), na micro-sociolinguística, a preocupação está em compreender a estrutura da língua dentro do contexto social em que se insere. Isto é, engloba os estudos que se debruçam sobre os fenômenos linguísticos variáveis e em processo de transformação, tendo como possíveis ênfases: “relação de sistemas linguísticos distintos, descrição de fenômenos linguísticos em comunidades monolíngues, implementação da mudança linguística, etc.” (Araujo *et. al*, 2020, p. 3).

Em contrapartida, na macro-sociolinguística, encontramos estudos que superam fronteiras disciplinares (Araujo *et. al*, 2020), visando entender os fatos linguísticos para além de contextos imediatos. Isto é, refere-se a pesquisas que estabelecem diálogo com outras áreas visando à resolução de problemas linguísticos mais amplos relacionados a questões da sociedade. A Educação seria uma dessas áreas com a qual a Sociolinguística tem caminhado na tentativa de entender o lugar da escola na formação linguística do aluno – como veremos na seção seguinte – e poderíamos citar outras como a Antropologia, a Sociologia e a Política, com base em Araujo *et. al* (2020).

Dessa maneira, sob o escopo da Sociolinguística contemporânea, situam-se objetos de estudo que vão além da variação e mudança linguística. A título de exemplificação, Coelho *et al.* (2010) citam as investigações sobre bilinguismo, contato linguístico, línguas minoritárias, política e planejamento linguístico, entre outras temáticas. Discussões sobre identidade, que merecem um debate mais amplo do que este texto consegue alcançar, também têm sido uma temática recorrente em estudos caracterizados como filiados à terceira onda sociolinguística (Eckert, 2012), os quais se interessam pela variação como prática social, buscando compreender seu significado a partir de práticas estilísticas intersubjetivas (Langa Lacerda *et al*, 2022). Na terceira onda, diversas pesquisas se propõem a analisar as práticas dos indivíduos e suas identidades, partindo de grupos e identificações com as quais eles mesmos se veem, não as pré-estabelecidas pelo pesquisador, de modo a evitar essencialismos (Oushiro, 2019). Isto é, com esse olhar, no momento de analisar dados linguísticos, a evolução do indivíduo e da sociedade é considerada na mesma dimensão que a da língua.

Portanto, como destacam Araujo *et al* (2020), a atenção do campo voltada a assuntos que envolvem a linguagem em relação com o social é um ponto de proximidade com objetos de discussão da Linguística Aplicada (LA) e de outras áreas que se dedicam ao mesmo enfoque (Linguística Histórica, Sociologia da Linguagem etc.). Não tencionamos, com isso, aproximar áreas com enfoques, métodos e preocupações tão distintos; trata-se, senão, de trazer à luz o *social* como um fator que nos move a ler a Sociolinguística e a Linguística Aplicada como campos de que podem se beneficiar as práticas pedagógicas na disciplina de língua estrangeira. A própria Sociolinguística vem cada vez mais fortemente se direcionando ao que é, por tradição, o lócus da Linguística Aplicada: o ambiente escolar. A este tema se dedica a próxima seção.

### **3. DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL À SOCIOLINGUÍSTICA APLICADA ÀS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

Como parte de seu percurso científico, a Sociolinguística tem desenvolvido estudos que se propõem a investigar contextos sociais de uso da linguagem, como os escolares, a partir do que Bortoni-Ricardo denomina como Sociolinguística Educacional, compreendida como “o esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas.” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 158). Em outras palavras, trata-se de um campo da Sociolinguística que se abre para pesquisas sobre o tratamento da linguagem no âmbito escolar, possibilitando e suscitando reflexões que gerem avanços no trabalho com a fala e a escrita nas escolas (Cyranka, 2015, p. 32).

Tais estudos, em língua materna, defendem uma prática pedagógica que seja “culturalmente sensível”, nos termos de Bortoni-Ricardo (2014, p. 159), no sentido de superar um ensino tradicional que apenas priorize e valorize a norma-padrão, e buscar, como destaca Ciranka (2015), uma pedagogia que reconheça a variedade trazida pelo aluno (e todas as demais) como legítima sem discriminá-la. Estendendo à reflexão a nosso lócus, o ensino de Língua Estrangeira, ao acinarmos a discussão sobre uma prática pedagógica culturalmente sensível, estamos assumindo a importância do não apagamento do lugar social do alunado, fazendo da sala de aula um espaço que oportuniza a manifestação e a reflexão sobre as múltiplas identidades performadas na língua-cultura própria e na língua-cultura alvo.

Nessa linha de reflexão por uma abordagem culturalmente sensível e integradora, Faraco (2011) destaca que a discriminação persiste na sociedade e se apoia na língua como fator

para a exclusão social, e defende como necessário o trabalho com a variação linguística dentro das escolas. O autor chama de pedagogia da variação linguística a prática que permitiria superar os resquícios da desigualdade social e do preconceito, sugerindo que sua aplicação ainda é um desafio para uma sociedade que não se reconhece como plural. Quanto ao contexto de ensino de LE, a superação dessa exclusão e desigualdade social promoveria o reconhecimento da diversidade linguística e cultural dessa língua e a superação de um ensino baseado unicamente em um padrão, normalmente perseguido nos manuais didáticos de LE, que silencia as demais variedades e culturas. Trata-se, assim, de uma perspectiva decolonial tanto na reflexão no âmbito disciplinar da língua materna como da língua estrangeira.

Dessa forma, ainda que haja avanços no dimensionamento dessas pautas para a realidade prática, como é o caso da consideração da temática da variação linguística nos livros didáticos de português como língua materna e nos livros de inglês e espanhol como línguas estrangeiras/adicionais, demandados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/MEC/BRASIL), por exemplo (Cyranka, 2015, p. 32), são muitos os obstáculos a serem superados para que crenças equivocadas sobre o que seria o trabalho pedagógico com a linguagem deixem de existir.

Bortoni-Ricardo chama a atenção, por exemplo, para a falsa crença de que não se deve mais corrigir o aluno nas aulas de língua materna, partindo do princípio de que não se deve constrangê-lo em função de sua variedade. Podemos notar a presença de tal crença relacionada ao constrangimento também no ensino de LE, porém, com natureza distinta, visto que os desvios cometidos pelo aluno em sua fala podem ser decorrentes da interlíngua e carecem, portanto, de correções pedagogicamente oportunas.

Sem dúvida, a correção é uma questão que atravessa os dois campos disciplinares, mas não da mesma forma. A correção que se dá na LM muitas vezes se subordina à noção de certo ou errado vinculada à noção de norma padrão. No caso da LE, a correção costuma se dar no nível da interlíngua, nas transposições de um sistema a outro, ou seja, no uso de construções de língua materna no desempenho da língua estrangeira. A correção se subordina, assim, à noção de norma da língua espanhola, uma norma que um falante nativo do espanhol reconhece como parte de sua língua, que não coincide, necessariamente, com a noção de norma padrão, em termos coserianos (COSERIU, 1979).

Desse modo, os três pontos destacados por Bortoni-Ricardo (2014, p. 158-159) concernentes à orientação do professor sobre a produção linguística do aluno são aplicáveis

para o desempenho em língua materna e em língua estrangeira; aqui, reproduzidos por conveniência. Tanto no desempenho em língua materna como em língua estrangeira: 1) a construção dos enunciados deve situá-los em um contexto e serem adequados a este; 2) esses enunciados se diferem a depender da modalidade da prática comunicativa (oral ou escrita); e 3) a aceitabilidade de um enunciado está atrelada às normas compartilhadas por falantes da língua alvo. A correção linguística no caso do ensino de LE, portanto, igualmente não deve estar pautada a noções de certo e errado, submetidos a padrões normativos limitados, os quais não estão isentos de uma ideologia eurocêntrica. É preciso superar a conduta da correção linguística que subordina o aprendiz a uma norma, e assumir uma visão de língua que considere sua pluralidade e que, por consequência, amplie a competência comunicativa dos estudantes.

Parece estarem claros nossos esforços em recordar que muitas das reflexões recuperadas da Sociolinguística Educacional focalizam o ensino da língua materna. Sobre esse tema, Pereira (2021) menciona a naturalidade com que estudos sociolinguísticos sobre o ensino de língua estrangeira recorrem a essas teorias variacionistas na LM, embora sejam contextos de pesquisa, propósitos e práticas diferentes. A autora justifica essa prática a partir da ausência de uma corrente teórica, dentro da Sociolinguística, que considere as particularidades dos usos das formas linguísticas no contexto de aprendizagem de uma LE. Nesse sentido, nos afiliamos a Pereira (2021), quem, ao debater sobre questões relativas ao ensino de espanhol, defende a proposta de uma “Sociolinguística Aplicada à LE” – a que aqui nos reportamos também através da sigla SALE –, caracterizada pelo estudo da relação entre língua, identidade e crenças. Considerando como fenômeno a escolha das formas de tratamento de segunda pessoa singular por parte de graduandos de Letras Espanhol de duas Universidades Brasileiras (UFC e UFSC), a autora sustenta que um ensino pautado na SALE leva em conta que a escolha de variantes de uma mesma variável, por parte do aprendiz de uma LE, está motivada por questões sociais relativas à língua alvo, à língua materna e a fatores identitários desse falante.

Como docentes, nos caberia verificar se, sob uma perspectiva da Sociolinguística Aplicada à LE, assumindo uma pedagogia sensível à diversidade linguística, o aprendiz do contexto de Educação Básica seria capaz de selecionar uma ou outra variante de modo a atender o estilo e o propósito comunicativo. Além disso, é preciso estar sensível à variação da língua de estudo. No nosso caso, não perder de vista que estamos lidando com uma língua tão diversa quanto a portuguesa, mas com impactos diferentes nas disciplinas de português língua materna e espanhol língua estrangeira. No primeiro caso, a pedagogia culturalmente sensível orienta à

consideração das normas sociais/diastráticas; no segundo, ao pluricentrismo, ou seja às várias normas diastráticas e diatópicas da língua aprendida.

Ao defender uma prática pedagógica “culturalmente sensível”, é possível que Bortoni-Ricardo não almejasse extrapolar os limites de seu locus disciplinar, o português como língua materna (PLM). Contudo, sem nos atermos à noção de norma-padrão – que não nos é tão útil como o é em LM –, em nossa prática como professores de língua estrangeira/adicional, abordamos as várias facetas do uso da linguagem de forma culturalmente crítica, reconhecendo as diferentes formas de expressão na língua alvo, as fronteiras entre a formalidade e a coloquialidade, o contínuo entre a oralidade e a escrita, a variação linguística no caso de línguas pluricêntricas, como é o caso do espanhol, os fatores estilísticos, avaliativos e identitários de cada variedade. Nesse sentido, desvencilhar-se da subordinação à norma-padrão – no caso do contexto de LM – ganha um espectro sutilmente diferente, mas que segue a perspectiva de questionar a regulação linguística e a tendência ao monolinguismo no ambiente escolar. Nesse sentido, a abordagem culturalmente sensível no contexto da língua estrangeira, diz respeito a desvencilhar-se da imposição de um modelo rígido da língua, que representa, uma variedade – não por pura coincidência, a variedade colonizadora europeia.

Do postulado trazido a partir de Cyranka (2015) na seção anterior, que advoga por uma pedagogia que reconheça a variedade trazida pelo aluno (e todas as demais) como legítima sem discriminá-la, alinhamos essa perspectiva plural intralinguisticamente ao contexto do ensino do espanhol e de várias outras línguas. Normalmente, os ambientes escolares adotam algum livro didático em que uma variedade linguística se sobressai. Contudo, as experiências com a língua-alvo são diversas, estudantes que ouvem *reguetón* consomem uma variedade de língua distinta dos que curtem pop rock espanhol, por exemplo, como serão diferentes os usos de variantes fonético-fonológicas, morfossintáticas e lexicais de aprendizes que consomem séries espanholas, colombianas, argentinas, mexicanas, etc. O espanhol desse aprendiz, com todos os efeitos do pluricentrismo dessa língua que ele decidiu aprender, é uma variedade válida e legítima, dentro dos limites da comunicabilidade, obviamente.

À luz dessa reflexão, a proposta de uma Sociolinguística aplicada à língua estrangeira, defendida neste estudo, encontra naqueles que nos antecedem, postulados que nos são úteis enquanto professores de língua, mas também nos convidam a acomodar e, acima disso, adequar as abordagens a essa extensão disciplinar. Ao defender o trabalho com a variação linguística dentro das escolas, Faraco (2011), situado nas inquietações da LM, destaca essa

prática como forma de se tentar superar os resquícios da desigualdade social e do preconceito, em uma sociedade que há séculos não se reconhece como plural. Em nosso caso, como professores de língua estrangeira, a questão está mais imbricada do que podemos imaginar. Ensinar uma nova língua na perspectiva da variação e mudança, considerando os fatores sociais que incidem sobre a escolha de uma variante ou outra – dizer *¿De dónde sos?*, *¿De donde eres?* ou *¿De donde es?*<sup>11</sup>, por exemplo – é uma forma de trazer à tona diferentes normas compartilhadas por falantes de distintos territórios ou lugares sociais; um modo, portanto, de valorizar a pluralidade intralinguística. Lembrando que, ao legitimar a variação linguística, legitimamos e valorizamos os indivíduos que usam essas variedades. Trata-se, portanto, de conceber o ensino e a aprendizagem de uma língua estrangeira como lugar de superação de preconceitos e desigualdades, questões igualmente caras à Linguística Aplicada – campo disciplinar de que trata a seção adiante.

#### 4. UM OLHAR SOBRE A LINGUÍSTICA APLICADA

Como mencionado anteriormente, outro campo disciplinar que se debruça sobre questões relacionadas ao ensino de línguas é a Linguística Aplicada. Embora em seus primórdios fosse considerada uma ciência subserviente à Linguística Teórica, com a função de aplicar teorias linguísticas prontas (Moita Lopes, 2006), a Linguística Aplicada hoje, sobretudo no Brasil, apresenta uma gama de estudos que englobam distintos contextos sociais de uso da linguagem.

Para explicar as características da LA, é pertinente recorrer a Faraco (2001), quem distingue dois grandes modos de pensar a linguagem: o lógico-gramatical e o retórico. No primeiro modo, a língua é estudada de forma isolada de seu contexto de uso, movimento de pesquisa seguido pelo estruturalismo, por exemplo. Na Linguística Aplicada, o foco predominante está no segundo modo, em que a intersubjetividade predomina como fundamento. Dessa perspectiva se entende que “[...] é impossível pensar o ser humano fora das relações com o outro” (Faraco, 2001, p.6).

Essa visão sobre a língua enquanto objeto de estudo sobressai na LA brasileira nos dias de hoje, configurando-a como um campo de estudo independente da Linguística teórica,

---

<sup>11</sup> Construções com o verbo *ser* conjugado em diferentes formas de segunda pessoa singular: *vos*, *tú* e *usted*, respectivamente, as quais ilustram a variedade diatópica e diastrática do espanhol. Para saber mais, recomenda-se a leitura de Oliveira e Pereira (2022).

com ideias e princípios metodológicos próprios. É nesse sentido, que Moita Lopes (2006; 2013) caracteriza esse campo com adjetivos como “mestiço” e “indisciplinar” associando seus princípios a ideia de superar fronteiras disciplinares e buscar o diálogo com outros campos para a resolução de problemas sociais relacionados à linguagem.

No contexto de ensino de língua materna, a LA tem se debruçado sobre diversos temas, principalmente na desconstrução de uma visão tecnicista e gramaticalista no ensino de língua portuguesa, com ênfase na formação do sujeito para leitura e emancipação, gêneros do discurso, práticas e eventos de letramento etc.

No que se refere ao ensino de língua estrangeira, sob o escopo da LA, muitas pesquisas, alicerçadas na premissa da indisciplinaridade, têm dialogado com áreas como a Sociologia e a Antropologia, e muitas discussões pós-coloniais, advindas de reflexões dessas áreas têm orientado os currículos e programas de ensino de LE. À luz de perspectivas pós-coloniais, entende-se que o trabalho com o ensino de uma língua pode ajudar a combater ou a manter práticas de colonialidade por meio do reforço de hierarquizações e desigualdades sociais, comuns ao neoliberalismo (Santana, 2023). Isto é, no ensino de espanhol, a título de exemplo, uma escolha didática pode reforçar a dicotomia “espanhol europeu x espanhol latino-americano” sugerindo o primeiro como um padrão, ou combater essa dualidade trazendo visibilidade e valor às demais variedades e culturas que aí estão silenciadas.

Por essa razão, temáticas como identidade, cultura, interculturalidade, multiculturalismo e transculturalidade são facilmente encontradas em textos relacionados a esse contexto de ensino e rapidamente associadas a uma visão de língua como instrumento diverso, social e vivo (Mendes, 2015; Venâncio da Silva, 2023; Oliveira, 2021; entre outros). Em específico, o tema das identidades tem sido muito tratado na Linguística Aplicada à luz de teorias que as compreendem na contemporaneidade como voláteis, múltiplas e em constante transformação, como a pós-modernidade (Hall, 2003; 2006) e a modernidade líquida (Bauman, 2005). Partindo da noção de identidade (ou identidades, no plural), assumida por Frank e Conceição (2021) “como um processo linguístico multifacetado de identificação ou diferenciação de uma pessoa, coisa, grupo etc.”, entendemos, assim como Pereira (2021), que o trabalho com fenômenos linguísticos que desconsidera a complexidade das identidades sociais e individuais implicadas nos sujeitos é uma prática fragmentada, visto que essas identidades são indissociáveis à sociedade plural em que vivemos.

Longe de tentar sistematizar a noção de identidade para a LA, considerando a complexidade do tema e o volume de estudos da área (Frank e Conceição, 2021), consideramos haver pontos em comum no tratamento da temática [noção de identidade] pela Linguística Aplicada contemporânea e por preceitos sociolinguísticos de 3ª onda. Dessa forma, entendemos que a temática pode servir como um ponto de partida para a discussão sobre interseccionalidades oportunas entre as áreas.

*O estudo da relação entre língua e cultura, o qual tem sido recorrente em propostas teóricas e didáticas sobre interculturalidade na LA nas últimas duas décadas (ver Mendes, 2004; 2015), também pode ser outro ponto de intersecção. No âmbito desses estudos, é comum a compreensão de uma vinculação natural entre língua e cultura, e a ideia de que o repertório linguístico e simbólico de um sujeito ou grupo está diretamente relacionado à sua maneira de ver e representar o mundo culturalmente (Oliveira, 2023).*

O holofote sobre tal relação acompanha uma visão de língua mais social e menos estrutural nos estudos linguísticos, colocando em evidência o lugar da cultura na construção dos significados, na direção do que aponta Kramsch (2017, p. 139) de que a díade "língua e cultura" orienta à compreensão da língua não como porções de formas linguísticas arbitrárias e deslocadas do mundo real. Nas palavras da autora, "sem a língua e outros sistemas simbólicos, os hábitos, as crenças, as instituições e os monumentos que chamamos de cultura seriam apenas realidades observáveis e não fenômenos culturais".

À luz dessa perspectiva, o significado é uma construção cultural, e o papel da língua é tornar esse significado representável. Assim, a língua não é constituída de formas e significados abstratos, ela é um sistema simbólico que nos permite atribuir sentido à cultura e à vida em geral, e é através dela que representamos e damos sentido ao mundo (Oliveira, 2023). Logo, associada à essa visão de "língua-cultura" presente na LA (Mendes, 2004) e amplamente utilizada em abordagens interculturais, entendemos, assim como Venâncio da Silva (2023), que, se língua e cultura atuam juntas e são indissociáveis, a variação linguística não deve ser tratada apenas como um desvio da norma padrão. Em outras palavras, entendemos que é possível aliar práticas de ensino variacionistas com práticas pedagógicas interculturais em que se reconheça a natureza viva da língua. Partindo dessa premissa, na seção a seguir, exploramos outros estudos que legitimam a intersecção em debate.

## 5. A INTERSEÇÃO É BEM-VINDA E LEGITIMADA

Como mencionado na introdução deste trabalho, é notável uma trans/multi/in/disciplinaridade nas programações de eventos que reúnem estudantes, professores e pesquisadores de línguas estrangeiras. O *XIII Congresso Brasileiro da Abralín – Construindo e consolidando interfaces*, realizado na Universidade Federal do Paraná, em out./nov./2023, com palestras e outras modalidades científicas direcionadas ao diálogo entre a Linguística e a Educação Básica, é um bom exemplar.

Nessa direção, pesquisas têm sido realizadas à luz desse diálogo – no qual a Sociolinguística e Linguística Aplicada parecem se acomodar perfeitamente –, as quais assinalam intersecções produtivas entre essas duas áreas.

O capítulo *Del diálogo intercultural al estudio de la variación lingüística: una práctica posible en las clases de lengua extranjera*, de Leandra Cristina de Oliveira (Oliveira, 2021), traz uma proposta de cruzamento entre esses dois campos, focando variação e interculturalidade a partir de uma unidade didática sobre a expressão do passado<sup>12</sup>. Com foco no ensino dos gêneros textuais relato e biografia, a autora traz para debate o tema da Independência dos países hispano-americanos em uma disciplina do Curso de Letras, dando visibilidade a figuras históricas, sobretudo femininas, recorrentemente esquecidas ou marginadas nas narrativas. Além disso, sob uma abordagem intercultural, buscou que os acadêmicos relacionassem esse contexto histórico-cultural da língua-alvo com a história de seu país de origem, a partir de uma prática de pesquisa e exposição oral, proposta como atividade avaliativa. No que se refere à variação linguística, a pesquisadora propôs a reflexão sobre formas pretéritas que apareciam com frequência nas biografias apresentadas, e, posteriormente, aprofundou o componente linguístico (expressão de passado) a partir de outro gênero – a notícia. O debate linguístico-cultural foi conduzido, entre outras questões, por meio da consideração dos fatores motivadores da variação linguística, quais sejam: (i) fator diatópico (região de cada texto) e (ii) composicionalidade do gênero textual, um com ênfase sobre o passado recente (a notícia), outro sobre o passado remoto (a biografia).

Cabe apontar aqui outro trabalho que vincula propósitos da Sociolinguística e da Linguística Aplicada em uma proposta pedagógica. O artigo *Diversidade linguística e cultural*

---

<sup>12</sup> A unidade didática em questão foi produzida durante o período pandêmico, desenvolvida em uma disciplina de Língua Oral do curso de Letras Espanhol da Universidade Federal de Santa Catarina.

*do México através da interculturalidade*, de Suyanne Pereira de Moraes e Bruno Rafael Costa Venâncio da Silva (2016), também defende o trabalho integrado de aspectos sociolinguísticos e culturais em sala de aula, de modo a não perder de vista a relação entre língua e cultura. No artigo, os pesquisadores relatam o trabalho com a interculturalidade e a variação linguística em uma proposta pedagógica voltada ao “*Día de los muertos*”, aplicada em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio. Na metodologia utilizada, após contextualizar os aspectos culturais que envolvem esse evento festivo, contrastando-o com o dia dos finados no Brasil e tomando por base os preceitos da Linguística Aplicada sobre o tema, sugerem a abordagem da variação linguística mexicana a partir de uma reportagem televisonada que fala sobre a temática cultural trabalhada. Utilizando dessa reportagem, propõem atividades e mobilizam perspectivas sociolinguísticas quanto aos aspectos fonéticos que estão presentes no vídeo, sobretudo aqueles mais marcantes ao país como seseo e yeísmo.

Dessas duas experiências publicadas, nos cabe aqui assinalar a pertinência de uma proposta que vincula duas perspectivas advindas de áreas diferentes (Sociolinguística e Linguística Aplicada). Trata-se de uma condução didática sensível ao reconhecimento dos fenômenos variáveis na língua de trabalho, o espanhol, neste caso, bem como ao necessário diálogo intercultural em temáticas que atravessam as disciplinas de línguas estrangeiras. Embora seja uma característica da LA o seu caráter “indisciplinar”, como mencionamos antes, sua relação com outras áreas se dá de forma mais recorrente com as ciências sociais, como destaca Venâncio da Silva (2023). Esse diálogo não acontece na mesma intensidade com outras áreas dos estudos linguísticos, especialmente pela diferença na concepção de língua e pela sua independência da Linguística Teórica – embora, dada a natureza multidisciplinar da LA, nada a impeça de utilizar suas teorias (Venâncio da Silva, 2023). Em função disso, são poucos os trabalhos que se propõem a relacionar as duas áreas em um debate teórico. Vamos avançando nessa direção ao nos propormos a refletir sobre as convergências no contexto da sala de aula, onde, conforme assinalamos na introdução deste texto, a circulação fluída em distintas abordagens teóricas permeia nossa prática, conforme se verifica em Oliveira (2021).

Ainda sob a defesa pelas intersecções disciplinares, o contexto de ensino e aprendizagem de línguas tem muito a se beneficiar dos debates da terceira onda da Sociolinguística e da Linguística Aplicada, no que concerne ao tema da identidade, conforme sustenta Pereira (2021). Vinculada à área da Sociolinguística, a tese de Livya Lea de Oliveira Pereira (2021), intitulada *¿Eres tú, sos vos o es usted?: a escolha das formas de tratamento e*

*os vínculos linguístico-culturais identitários de aprendizes de espanhol/LE*, recorre a discussões sobre a noção de “identidade” de um ponto de vista pós-moderno, advindas de outras áreas como a Linguística Aplicada (Barcelos, 2004; Zolin, Barcelos, 2014) e os Estudos Culturais (Hall, 2006, Woodward, 2006, Bauman, 2005). O estudo busca demonstrar como as identidades (dentro de sua complexidade, representatividade e volatilidade) se relacionam com as escolhas linguísticas dos falantes no que diz respeito ao objeto de estudo em discussão. Ao estabelecer esse diálogo, a autora discorre sobre a relação entre os usos linguísticos e as identidades sociais e individuais que envolvem os sujeitos em suas mais variadas questões, assumindo as escolhas linguísticas como potenciais indexadores sociais e identitários, nos passos de Eckert (2016; 2018).

Para defender essa interdisciplinaridade, Pereira (2021, p. 39) sugere que a concepção de identidade dos estudos da terceira onda sociolinguística parece muito próxima a que encontramos nos Estudos Culturais; alinhada, portanto, a pensamentos de Stuart Hall e Zygmunt Bauman, que são caracterizados por evidenciar a pluralidade e fluidez das identidades do sujeito pós-moderno (Hall, 2003; Bauman, 2005). Cabe lembrar que esses autores não aparecem ineditamente no estudo de Pereira (2021), costumam ser acionados em diversos trabalhos da Linguística Aplicada voltados ao contexto das línguas estrangeiras, voltados, especialmente, a temáticas da identidade e da interculturalidade, (Frank e Conceição, 2021; Oliveira e Oliveira, 2017).

Os estudos retomados nesta seção legitimam de certo modo a defesa central desta proposta, que consiste em reconhecer os benefícios de intersecções disciplinares, seja para o ensino, seja para a descrição. Não deixamos de reconhecer, obviamente, que os diálogos e/ou interfaces nem sempre se dão de forma pacífica, haja vista as singularidades que atravessam cada campo. Ao analista, cabe compreender as convergências e divergências entre os campos teóricos acionados. No que tange ao aproveitamento dos debates e postulados para práticas pedagógicas, talvez esse cuidado seja suplantado por uma apreciação cuidadosa das confluências em prol de uma práxis crítica, arejada e sensível às transformações sociais – questões caras tanto para a Sociolinguística como para a Linguística Aplicada.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Bortoni-Ricardo (2014), a Sociolinguística já lidava com aspectos sociais e educacionais no momento em que Labov problematizava com seu estudo sobre Martha's Vineyard o desempenho escolar de crianças em condição de desigualdade social pertencentes a diferentes grupos sociais e étnicos. Esse contexto inicial nos mostra que, mesmo a Sociolinguística tendo como ênfase fenômenos de variação e mudança na língua, já apresentava uma preocupação social que extrapolava os dados estatísticos.

Com o tempo, e o surgimento da Sociolinguística Educacional, esse debate ganhou um espaço considerável, permitindo que as discussões no âmbito da variação e mudança linguística não ficassem restritas ao meio acadêmico e chegassem até o chão da escola e a formação de professores para este contexto. Dessa maneira, ao defendermos, uma intersecção entre a Linguística Aplicada e a Sociolinguística, em prol de uma Sociolinguística Aplicada às Línguas Estrangeiras, não estamos cruzando duas áreas sem considerar suas particularidades e concepções de língua. Cada uma assume abordagens e objetos singulares, mas suas preocupações sociais se cruzam a partir do reconhecimento da língua como um organismo vivo e repleto de pluralidade – ponto central para uma pedagogia de LM e LE culturalmente sensível.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, L. S. de; MOTA, F. P.; PONTES, V. de O. Perspectivas sociolinguísticas sobre a língua espanhola: uma introdução. **InterteXto**, Uberaba, v. 13, n. 1, p. p. 01–08, 2020. DOI: 10.18554/ri.v13i1.5081. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/intertexto/article/view/5081>. Acesso em: 27 fev. 2023.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; NUNES DE SOUZA, C. M.; MAY, G. H. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; NUNES DE SOUZA, C. M. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e História**. Trad. de C. A. da Fonseca, M. Ferreira. Rio de Janeiro, Presença EDUSP, 1979.

CYRANKA, L. F. M. A Pedagogia da Variação Linguística é possível? In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (orgs.). **Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola, 2015.

ECKERT, P. **As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística**. Trad. de S. G. Oliveira, L. M. Rockenbach e A. Gutierrez. Organon, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268-291, jan/jun. 2022 [2012]

FARACO, C. A. **A pesquisa aplicada em linguagem**. D.E.L.T.A., v 17: Especial, 2001, p. 1-9

FARACO, C. A. O Brasil entre a norma cultura e a norma curta. In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 259-275

FRANK, H.; CONCEIÇÃO, M. P. Identidade em Linguística Aplicada: em direção a uma sistematização conceitual. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 21, n. 1, p. 11-31, jan./abr. 2021. Disponível em: [https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/8067](https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/8067) Acesso em 08 nov. 2023.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. In: SOVIK, L. (Org.). Trad. A. La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. T. Tadeu da Silva; G. Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KRAMSCH, C. Cultura no ensino de língua estrangeira. **Bakhtiniana**, Rev Estud Discurso [Internet]. 2017. Sep;12(3):134–52. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-457333606> Acesso em: 05 ago. 2023.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LANGA LACERDA, M.; GÖRSKI, E. M.; PAZA, C. R. M. Terceira onda variacionista: continuidade ou descontinuidade de fases?. **REVISTA DA ABRALIN**, v. 21, p. 1-27, 2023. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2070> Acesso em: 08 nov. 2023

LUCCHESI, D. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 41 (2): p. 793-805, maio-ago 2012. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1198> Acesso em: 08 nov. 2023.

MENDES, E. **Abordagem comunicativa intercultural (ACIN): uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas**. 2004. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2004.

MENDES, E. A ideia de cultura e sua atualidade para o ensino-aprendizagem de LE/L2. **Revista EntreLínguas**, v. 1, n. 2, p. 203-221, 2015. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/8060>. Acesso em: 5 ago. 2023.

MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. - São Paulo: Parábola, 2006

MOITA LOPES, L. P. (org.). **Linguística aplicada na modernidade recente**. 1. Ed. - São Paulo: Parábola, 2013

MORAES, S. P. VENÂNCIO DA SILVA, B. R. C. Diversidade linguística e cultural do México através da interculturalidade. In: VENÂNCIO DA SILVA, B. R. C.; Serrão, R. A. (orgs) **Diversidade linguístico-cultural no ensino de espanhol para brasileiros: experiências reflexivas no IFRN**. Natal: IFRN, 2016. 212 p.

OLIVEIRA, C. R. **Aspectos Culturais da Língua Espanhola**. Indaial - SC: Arquê, 2023

OLIVEIRA, L. C.; OLIVEIRA, C. R. Representações culturais de países hispanofalantes: um olhar para recursos visuais em disciplina do curso de Letras Espanhol a distância. **Fórum Linguístico**. v. 14, n. 3, p.2334- 2348, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2017v14n3p2334/35141>. Acesso em: 05 ago. 2023.

OLIVEIRA, L. C. Del diálogo intercultural al estudio de la variación lingüística: una práctica posible en las clases de lengua extranjera. In: Rocha, P. G. (org.). **Línguas e linguagens na universidade: ensino, pesquisa e extensão**. 1. ed.– Campinas, SP: Pontes Editores, 2021

OLIVEIRA, L. C.; PEREIRA, L. L. Entre la morfosintaxis, la variación geográfica y las singularidades pragmáticas: un enfoque didáctico de las formas de tratamiento a partir de materiales audiovisuales. **Fórum Linguístico**, v.19, n.2, p.7749- 7765, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/83558>. Acesso em: 10 set. 2023.

PEREIRA, L. L. O. **¿Eres tú, sos vos o es usted?: a escolha das formas de tratamento e os vínculos linguístico-culturais identitários de aprendizes de espanhol/LE**. 2021. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

SANTANA, T. S. T. de. A formação de professores de línguas estrangeiras para uma prática reflexiva e decolonial. **Revista Desempenho**, [S. l.], v. 1, n. 33, p. 28–40, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rd/article/view/44152>. Acesso em: 8 nov. 2023.

VENÂNCIO DA SILVA, B. R. C. Linguística aplicada y diversidad lingüística en la formación de profesores de español en Brasil. In: FALCÃO, C. A.; MOREIRA DA SILVA, G.; MOREIRA, G. L. (orgs.) **O ensino do espanhol como língua estrangeira no RN: cenário atual, desafios e expectativas na formação de professores**. 1ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023, v. 1, p. 23-47.

VENÂNCIO DA SILVA, B. R. C. Contribuições da sociolinguística para o ensino de espanhol para brasileiros. In: VENÂNCIO DA SILVA, B. R. C.; Serrão, R. A. (orgs) **Diversidade linguístico-cultural no ensino de espanhol para brasileiros: experiências reflexivas no IFRN**. Natal: IFRN, 2016. 212 p.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006. [1968]

WORDWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 6º ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.